

*A representação do cavaleiro na épica espanhola:  
o Cid Campeador, um canto de fronteira\**

JOSÉ JORDI

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar a construção da imagem de Cid, o Campeador, na literatura épica espanhola. Nesse sentido, podemos afirmar que a representação do cavaleiro se relaciona diretamente com a arte da guerra, atividade militar própria da nobreza no mundo medieval.

ABSTRACT

This article aims at analysing how the image of *Cid Campeador* appears in the Spanish Literature. In order to do it, we argue that the representation of the horseman is connected with the war, an ordinary activity of the medieval nobility.

Brinda, poeta, un canto de frontera

— ANTONIO MACHADO

Introdução

**A**S REPRESENTAÇÕES DO CAVALEIRO NA IDADE MÉDIA são muito significativas, pois sua percepção doutrinal é muito diferente da percepção literária. Observando, num primeiro momento, não os textos literais/

literários, mas os doutrinários, percebemos que a concepção do cavaleiro é distinta por um motivo fundamental: o ponto de vista daquele que registrou por escrito o documento.

Explico: o entendimento do conceito de *cavalaria* por parte do emissor da mensagem nos textos literais/literários – no caso, o “cantar de gesta” – é normalmente um jogral, que, via de regra, sempre enaltece as virtudes e os êxitos do cavaleiro.

Por outro lado, nos textos históricos ou doutrinários, quem observa e julga o cavaleiro é alguém mais preocupado com o mundo real, alguém que não se dedica à ficção literária. Por fim, a criação (real ou literária) do cavaleiro também está ligada à guerra, atividade militar levada a cabo pela nobreza. A ideologia dessa classe dirigente tem seu foco na arte militar por diversos motivos: a conquista de novos territórios, o enriquecimento pessoal ou a simples avidez pelo deleite e a *virtú*. Do mesmo modo, a Igreja serviu-se do ímpeto cavalheiresco e forjou uma ideologia baseada em três pontos: na fidelidade, no valor e na generosidade.<sup>1</sup>

Assim, podemos estabelecer alguns primeiros traços comuns à *cavalaria* no mundo Ocidental. Essa ordem iniciou-se no mundo antigo, com o exército romano que, dado o ímpeto da infantaria, estava muito bem preparado, e começou a preparar o terreno para a época posterior – respaldamos nossa tese no tratado sobre a *Arte Militar* de Vegécio ou nas *Histórias* do sempre citado Tácito.

Mas não só os enfrentamentos entre o Império Romano Hispânico e os bárbaros, na batalha da Adrianópolis – e o porvindouro tratado entre ambas as partes – suscitaram uma nova estratificação social, baseada na guerra como maneira suprema de ver a vida. Foi principalmente no início da sociedade dita feudal, na qual um senhor da guerra protegia seus vassalos graças aos exércitos de que dispunha. Como desenlace desse contexto histórico temos a invasão muçulmana, que encontrou na Península Ibérica o apoio dos semitas fustigados pelos visigodos e trouxe consigo um novo modelo do cavaleiro: o cavaleiro semita, de estribo e espora, em uma sela um pouco mais alta, que permitia uma maior estabilidade ao ginete para golpes mais fortes e arrojados.

Assim, após apresentarmos, *grosso modo*, o surgimento histórico da cavalaria até o século VIII – de sua origem romana, passando pela criação do sistema feudal e o novo cavaleiro muçulmano –, delimitaremos a importância do conceito de *fronteira* nesse processo. Certamente, estamos num período de guerras constantes: as fronteiras eram continuamente redesenhadas, já que as sucessivas

conquistas e reconquistas dos territórios provocavam cruentas e constantes refregas por um palmo do terreno. Surgiram, pois, nesse período, os conceitos de “Reconquista” e “Cruzada”.<sup>2</sup>

Na Península Ibérica, um dos principais artífices da construção do conceito de “Cruzada” foi o monastério de Cluny, que apoiou Sancho III de Navarra e intercedeu ao papado em prol da reconquista castelhana. Nesse período, surgiram lideranças autônomas que se moviam entre ambos os lados, o cristão e o muçulmano, conseguindo riquezas e territórios em suas incursões. Foi o caso do *Cid Campeador*.

No entanto, o panorama tornou-se mais complexo. Por um lado, com o auxílio dos reinos europeus além-Pireneus aos reinos hispânicos, unidos ao papado e à sua concepção de cruzada;<sup>3</sup> por outro, com o surgimento das dinastias muçulmanas dos almorávidas e almôadas.

### O nascimento dos reinos e das fronteiras hispânicas nos séculos VIII-X

PARA UMA MELHOR COMPREENSÃO DO NASCIMENTO dos reinos hispânicos entre os séculos VIII e X, é *conditio sine qua non* estabelecer a fundação dos reinos peninsulares e as condições socioculturais da época. Num primeiro momento, em 711, os muçulmanos invadiram a península e venceram seus povoadores: os reinos hispânicos foram subjugados, seja mediante sua derrota em batalha, seja mediante a coação do pagamento *duns tributos – jarach*.<sup>4</sup> A resistência foi mínima: apenas os reinos de Córdoba, Sevilha e Mérida organizaram-se para combater o intruso: os outros reinos apressaram-se a estabelecer tratados com os vencedores. Ao mesmo tempo, enquanto os muçulmanos começavam a acomodar-se nos territórios conquistados, no reino asturiano-leonês, a aliança entre o duque Pedro, governador da Cantábria, e Pelágio, que conseguiu todo o poder até a aliança, permitiu um fato muito importante: a vitória na batalha de Covadonga (722). Começava, pois, com essa luta, o período da Reconquista.

Mais tarde, Afonso I (739-757), aproveitando as dificuldades internas de al-Andalus, que sofreu uma profunda crise até a derrota na batalha de Poitiers (732), realizou uma série de incursões que expurgaram a fronteira do reino dos inimigos. De qualquer forma, Afonso II (791-842) fez voltar/tornar a *ordem gótica* a seu reino – ideologia segundo a qual os reis asturianos eram legítimos descendentes dos reis godos de Toledo – impôs o *Fuero Juzgo*, erigindo-se como o defensor da ortodoxia por meio do Beato de Liébana.<sup>5</sup> Com Afonso III (866-909), a política asturiana alcançou seu ponto mais elevado, pois seu reinado



viu-se favorecido com a primeira crise do emirado cordovês, fato que lhe permitiu reconquistar as terras do Duero, convertendo, assim, a margem do rio em uma fronteira insuperável.<sup>6</sup>

Outros reinos, como o de Castela, foram decisivos nesse momento, já que o conde Fernán González de Lara (929-970), convertido desde o ano 931 em “conde de toda Castilla”, aproveitou a crise do reino asturiano-leonês – provocada pela morte de Ramiro II – para fazer do reino de Castela um principado feudal. Assim, Castela alcançou sua independência e forjou uma grande linha de contenção à base de castelos, fato que deu o nome ao reino.<sup>7</sup> Os descendentes do González de Lara aumentaram o grau de independência do reino, embora, após o assassinato de León de García Sánchez (1017-1029), o reino castelhano tenha entrado na órbita do reino de Navarra. Por outro lado, o reino da Navarra foi outro dos suportes desse período: os vascões de Pamplona conseguiram manter sua independência, pagando tributos aos muçulmanos ou lutando com os inimigos franceses. Recordemos a batalha de Roncesvalles (778) – fato narrado na *Chanson de Roland* –, na qual conseguiram frear, talvez com a ajuda dos muçulmanos, a Carlos Magno e suas tropas.<sup>8</sup>

A situação do reino da Navarra só se normalizou quando Sancho Garcés I, da família dos Jimena, estabeleceu uma aliança com o rei Afonso III, das Astúrias. Em suas incursões aos territórios invadidos pelos inimigos, Sancho I conquistou as terras de Sobrarbe, Calahorra e, traspassando o Ebro, Nájera e Viguera. Do mesmo modo, no reino da Catalunha, as incursões muçulmanas provocaram muitos problemas. Já no ano de 785 era conquistada Girona e, em 801, Barcelona. Contudo, no princípio do século XI, recuperado dos ataques de Almançor, encontramos o reino catalão já formado territorialmente e bastante agressivo, a ponto de arrasar o reino de Córdoba em 1010.<sup>9</sup>

Além desse pequeno esboço sobre a configuração das fronteiras nos primeiros séculos do feudalismo peninsular da Idade Média, é importante que nos detenhamos no alvorecer do século XI, período em que se forjou o estado mais forte da Península até o momento. Nesse período, surgiram os reinos muçulmanos de taifas, devido ao processo de decomposição do al-Andalus com a morte de Almançor (1002). Um descendente de Sancho I de Navarra, Sancho III, o *Maior* (1004-1035),<sup>10</sup> tornou-se a figura mais representativa da Península nesses anos. Aproveitando a crise do califado e sendo conde de Castela desde 1029, chegou a usurpar o título leonês do imperador. Com a morte de Sancho III, seu testamento foi a causa de um novo enfrentamento entre o primeiro rei de Castela, Fernando I, e seu cunhado, o rei de Leão, Bermudo III. A batalha

entre ambos – Tamarón (1037) – acabou com a morte de Bermudo III. Fernando I tomou posse de seu reino, quando então surgiu o reino de Castela e Leão.

Do mesmo modo, com o propósito de restaurar os reinos tradicionais de Castela, isto é, os reinos que sempre tinham pertencido ao reino castelhano, Fernando I enfrentou seu irmão, Garcia Sanchez III, com a intenção de recuperar as terras antes castelhanas e agora em poder do reino de Navarra. Por outro lado, foi crucial o êxito das campanhas contra os reinos de taifas, pois Fernando I recuperou os territórios de Viseu, Lamego, Coimbra, San Esteban de Gormaz, chegando até Alcalá de Henares. Com esse avanço, a fronteira estabeleceu-se no vale do Mondego, em seu setor mais ocidental, e no centro do vale do Tejo.<sup>11</sup> Em janeiro de 1064, na finalização das homenagens em honra ao corpo de São Isidoro de Sevilha, o rei castelhano Fernando I fez seu testamento, dividindo seus reinos entre seus três filhos: para o primogênito, Sancho, o reino do Castela e as parias<sup>12</sup> de Zaragoza; para Afonso, o reino de Leão e as parias de Toledo; para Garcia, o reino da Galícia e o norte de Portugal, com as parias de Badajoz e Sevilha. Suas duas filhas, Urraca e Elvira, receberam o conjunto de monastérios régios e as cidades da Zamora e Toro. Essa divisão teve funestas conseqüências, pois Sancho II de Castela (1065-1072) não a acatou e, por esse motivo, enfrentou-se com os seus irmãos.

### O *Cid* e a sua Espanha

MORTO FERNANDO I EM 1065 – antes de morrer ainda conquistou a cidade da Coimbra –, Sancho II acabou a guerra com o reino do Aragão. Essa guerra – a Guerra dos Três Sanchos – devia-se à expansão castelhana para o Oriente, fato que provocou a inveja de seus primos, os reis de Aragão e de Navarra. A seguir, começou a reconstrução do reino paterno. O primeiro a padecer a ira de Sancho II foi seu irmão Garcia, rei da Galícia, que teve que refugiar-se na taifa do rei Moctamid, em Sevilha. Pouco antes de o rei Sancho assinar seus diplomas com o título *in Castiella et in Galletia*, Afonso VI havia-se proclamado *legionensis imperii rex et magnificus trunfator*. O novo rei da Galícia atacou em seguida o novo imperador leonês, Sancho II. Depois disso, venceu seu irmão Afonso e retirou dele as taifas de Toledo.

Nesse panorama apresentado, D. Urraca, irmã de Sancho e de Afonso, teve um papel preponderante, pois sentia uma grande predileção por Afonso. Assim, pois, D. Urraca insuflou uma rebelião do povo leonês para derrubar o usurpador. Sancho II cercou a cidade de Zamora e foi assassinado por Bellido Adolfo,

zamorano insuflado por D. Urraca para cometer essa pérfida ação. O epitáfio do sepulcro do jovem rei Sancho reza: *Santius, forma Paris et ferox Hector in armis, clauditur hac tumba jam factus pulvis et umbra*, além de referir-se ao assassino como *Belleti Adelfis, magni traditoris*, e à mulher, cujo pérfido conselho originou a catástrofe castelhana.<sup>13</sup>

Imediatamente, Afonso VI (1072-1109) foi chamado por sua irmã, D. Urraca, que obteve o título de rainha, para reclamar o império que se encontrava sem governo. Urgia tomar posse do reino de Castela, mas lá estavam os companheiros do rei morto, capitaneados por Rodrigo Díaz de Vivar, o *Cid Campeador*. Por outro lado, não restava a esses fiéis homens outra opção senão acatar Afonso VI como rei do império. Assim, para manterem sua honra de cavaleiros, exigiram que o novo rei jurasse que não havia participado do assassinato de seu irmão, Sancho II.

Com esse episódio, chamado “jura de Santa Gadea”, começou o *Cantar de mio Cid* e o desterro de nosso herói.<sup>14</sup> Rodrigo Díaz de Vivar – que tomou o seu nome de uma pequena aldeia – não era um grande senhor, mas um nobre de segunda categoria. Seu pai, Diego Laínez, participou das guerras entre Castela e Navarra, pois as fronteiras deste último reino, estabelecidas por Sancho, o *Maior*, alcançavam suas terras patrimoniais. Certamente, Rodrigo, que pertencia a uma família ilustre por parte de sua mãe, cresceu com o infante dom Sancho, consagrando-lhe uma grande devoção. O caminho desses ilustres homens esteve unido até a morte de Sancho II. O *Cid*, com o seu senhor, brigou ao lado de Moctadir de Zaragoza contra o rei Ramiro do Aragão (1063) e foi alçado, dada sua coragem na luta, ao mesmo nível que os ricos-homens. Além disso, obteve o título de *Campi doctor*, que consta nos poemas que contam suas façanhas.

Até a morte do rei Sancho, Rodrigo Díaz de Vivar serviu o rei Afonso VI, legítimo herdeiro do império, e este o encarregou da arrecadação das parias de Sevilha. Durante seu regresso, seus inimigos – “¡Esto me an buelto mios enemigos malos!”<sup>15</sup> – acusaram-no de ter ficado com uma parte da arrecadação daquele tributo. Assim, o *Cid* caiu em desgraça e foi desterrado pelo rei Afonso. À frente de uma mesnada, em 1080, o *Cid* passou a formar parte do exército do rei sarraceno de Zaragoza. Contudo, em duas ocasiões, o rei Afonso recebeu o *Cid*, mas voltou a desterrá-lo. Dessa forma, o *Cid Campeador* atacou o rei moro de Leida e passou a formar parte, nessa ocasião, do exército do rei de Valência, em cujo nome venceu em Tévar (1090) o conde de Barcelona, Berenguer Ramon II, aliado do rei de Leida.



Quando se apoderou da cidade de Valência (1094), o prestígio do *Cid* já era muito grande, até alguns enfrentamentos com o rei Afonso VI, depois da morte de seu amigo Al-Qadir. Após a tomada de Valência, o *Cid* reconciliou-se com Afonso VI, o qual, enquanto o *Cid* realizava as suas incursões nos mencionados reinos levantinos, ocupava a cidade de Toledo (1085), ultrapassando a fronteira do vale do Duero até o vale do Tejo.

Paralelamente, a fronteira se consolidara com o repovoamento de antigas cidades como Madrid, Coria, Guadalajara, Talavera, Mora e Uclés. Depois dessas conquistas, os reinos muçulmanos de Sevilha, Badajoz e Granada pediram ajuda aos almorávidas do norte das terras da África, fato que levou esse povo belicoso e fanático, que provinha dos territórios do Marrocos, a vencer o rei Afonso na batalha de Sagrajas (Zalaca), em 1086, provocando maus tempos para o império castelhano com as derrotas posteriores de Consuegra (1097) e Uclés (1108).

A situação da Península, no final do século XI, era tão delicada e grave para os cristãos que estes tiveram que pedir ajuda a um exército de cruzados franceses para conter os muçulmanos. Essa era a Espanha do *Cid* – como a denominou o mestre Dom Ramón Menéndez Pidal<sup>16</sup> – e esse era o ambiente no qual foi forjado o *Cantar* e o personagem do *Cid*, Rodrigo Díaz de Vivar, foi reivindicado como um exemplo a ser seguido pelos cavaleiros cristãos em sua luta na fronteira.

### A importância da fronteira na configuração do personagem do *Cid*

EM NOSSA INTRODUÇÃO – partindo duma contextualização histórico-política da situação da Península no século XI –, falamos de como era visto o cavaleiro no *cantar de gesta*, e, em nosso caso, de como era visto o personagem do *Cid Campeador* e as virtudes com as quais o autor do poema criou nosso herói.<sup>17</sup>

Assim, considero fundamental definir o que entendo como *épica*, antes de iniciar minha análise do *Cantar*:

Cantum vero gestalem dicimus in quo gesta heroum et antiquorum patrum opera recitantur, sicut et martyria sanctorum et adversitates quas antiqui viri pro fide et veritate passi sunt, sicut vita beati Stephani protomartyris et historia regis Karoli.<sup>18</sup>

Como pode ser observado, a *épica* refere-se ao heroísmo, guerreiro ou religioso. Não obstante, antes de tratar o *point of view*, em primeiro lugar, devemos arrazoar a data da composição da obra – aspecto importante, embora não fundamental

para nosso trabalho –, além de tentar observar a sua difusão entre o público da época. Segundo Dom Ramón Menéndez Pidal, deve-se fixar a data de composição do *Cantar de Mio Cid* em torno de 1140. Se levarmos em conta que a data do exemplar conservado remete a uma cópia de um manuscrito de 1207, podemos afirmar que o *Cantar de Mio Cid* era conhecido oralmente, além de ser um tema observado pelos cavaleiros da época, isto é, entre o final do século XII e o início do XIII.<sup>19</sup> Bem, *ad meo arbitrio*, o mais importante do *Cantar de Mio Cid* não é a data de sua composição, é o fato de o *Cantar* ter sido forjado na fronteira, por homens fronteiriços e profundos conhecedores daqueles problemas da interação entre os dois mundos, homens que sofriam na carne as dificuldades daquele tipo de vida. Assim, o mais importante para se observar no *Cantar* é seu ponto de vista, fato já assinalado em nossa *Introdução*.

Desse modo, para as gentes que viviam na fronteira no final do século XII e início do século XIII, o *Cantar de Mio Cid* era sentido como uma história verdadeira, na qual um homem como eles havia realizado as maiores proezas cavaleirescas. Nesse sentido, tanto o *Cantar* como seu personagem, o *Cid Campeador*, são dois exemplos, modelos que deviam ser seguidos pelos homens de fronteira.

Além disso, o *Cantar* era uma espécie de *espelho para o povo*, pois, levando-se em conta as teorias sobre o espelho platônico,<sup>20</sup> os homens podiam vir-a-ser refletidos no personagem: estabelecia-se uma identificação entre eles e o *Cid*.

A maior vitória estilístico-literária do *Cantar* é a configuração do protagonista. Nesse sentido, o jogral cria seu personagem literário – que tem seu correlato no mundo real – com um tom totalmente diferente do da épica escrita até então. Se compararmos o *Cantar* com os *cantares de gesta* franceses e germânicos de então, observaremos que o personagem de além-Pireneus é um herói irreal, alguém que pouco se assemelha aos homens da *pie* – os meros camponeses. Explico: o Rolando da *Chanson de Roland* ou os personagens do *Nibelungelied* são heróis invencíveis – como nosso *Cid* –, mas são heróis muito mais próximos de seres fantásticos do que dos homens. O *Cid* é um protagonista que logo que inicia seu relato nos mostra sua sensibilidade mais humana:

De los sos ojos tan fuertementre llorando,  
tornava la cabeça e estávalos catando (vv. 1-2).

Esse efeito introdutório é crucial – como veremos depois, no conjunto da obra – para a recepção do personagem por parte do leitor. O início *in medias res* eleva a figura do *Cid Campeador*, que cresce entre a injustiça e o abandono ao



qual se vê submetido. Nosso poema começa sob o efeito nostálgico da saudade: o desterro, a separação de sua família, a recordação saudosa de suas terras – “de Castiella la gentil exidos somos acá” (v. 672). A pátria é o que existe de mais grandioso para o *Cid*. Tudo o que nela se encontra é profundamente amado por nosso herói: os palácios, as casas, as gentes e, mais importante, sua família. Aqui está a representação mais humana, mais familiar de nosso protagonista, no momento em que se separa de sua família:

Enclinó las manos la barba vellida,  
a las sues fijas em braço' las prendía,  
llególas al corazón, ca mucho las quería.  
Llora de los ojos, tan fuerte mientras sospira:  
Ya doña Ximena, la mi mugier tan complida,  
commo a la mie alma yo tanto vos quería.  
Ya lo veedes que partir hemos en vida (vv. 275-280).

Além disso, o *Cid Campeador* mostra outras duas facetas imbricadas: o guerreiro e o senhor feudal. Assim, o *Cantar de Mio Cid* mostra-nos a maior representação das virtudes de um cavaleiro na Idade Média, já que a própria interpretação dramática desde a qual arranca o poema – o choro do *Cid* – provoca no leitor a imediata simpatia pelo herói.

O cavaleiro deveria ter as seguintes virtudes: justiça, prudência, fortaleza e temperança. A atuação do *Cid* é exemplar, pois, desde o início, erige-se como um cavaleiro virtuoso por antonomásia. Até seu desterro, o *Cid* não se converteu no cavaleiro rebelde que brigou contra o seu rei – “Com Alfonso mi señor no quería lidiar” (v. 62). Pelo contrário, seguiu fiel a seu rei, dando-lhe um tributo cada vez que conquistava um novo território. Esse é um aspecto literário do *Cantar* que diz muito da psicologia de nosso herói.

Contudo, mesmo sofrendo a injustiça régia, o *Cid* é sempre um claro exemplo da justiça, sua personificação. Por outro lado, a prudência do *Cid* pode ser vista num episódio no qual Rodrigo Díaz de Bivar liberta o conde Ramon Berenguer sem exigir-lhe o habitual resgate – “e si vos comiéredes don yo sea pagado, / a vos el comde e dos fijos falfo / quitarvos de los cuerpos e darvos de mano” (vv. 1034-1035b). Mas até nessa faceta benévola do *Cid* encontra-se sua fortaleza: “Espada tajador, sangriento trae el braço, / por el cobdo ayuso la sangre destellando” (vv. 780-781), e sua temperança: “fabló mio Cid bien e tan mesurado” (v. 7).

Não obstante, todas as suas virtudes poderiam resumir-se em duas: *fortitudo* e *sapientia*. A *fortitudo* é a capacidade de atuar diante de uma situação adversa:

é o dinamismo do herói e o poder do caudilho. Por sua vez, a *sapientia* manifesta-se em seu conhecimento, no “saber estar”, na prudência. Aliás, essa configuração do personagem tem motivos concretos: por um lado, estabelecer uma identificação entre o *Cid* – que representa os valores éticos, políticos e sociais da sua época – e o público-leitor; por outro, arrebatá-lo pelo ímpeto da batalha, pois, nesse momento histórico, como vimos, o panorama geopolítico da fronteira era bastante complexo. O *Cid* converte-se, assim, num modelo paradigmático, que deveria ser imitado. O cavaleiro assim estimulado poderia perfeitamente combater sob suas ordens.

Mas o *locus* do *Cantar* não só representa a realidade circundante do povo, do público-leitor. Toda a narração se situa em San Esteban de Gormaz, território conquistado por Fernando I: estamos em um dos centros nevrálgicos da fronteira castelhana, no extremo do Duero. Nas palavras de Alberto Várvaro, os *cantares de gesta* são cantares da fronteira espanhola, com um tom de realismo que converte a história contada em um episódio da história contemporânea. Assim, a fronteira é uma sociedade em armas, continuamente em estado de alerta e disposta ao saque e ao ataque. Nesse sentido, o público do *Cantar* é composto de gentes do Gormaz – “siempre mesurados”, “muy pros”, e “coñoscedores” (v. 2820 e ss.) –, totalmente conscientes da situação fronteiriça do momento. Por isso, através do realismo literário do *Cantar*, o leitor assiste a uma encenação de sua própria realidade, de sua vida, a encenação da vida e da realidade da fronteira castelhana no século XII.

### Conclusão

A REPRESENTAÇÃO DO “CAVALEIRO PERFEITO”, que se pode observar no *Cantar de Mio Cid* é a esperança da sociedade da época. Num momento tão difícil para os *povoadores da fronteira* e dos reinos hispânicos, o *Cid Campeador* erige-se como uma figura representativa dos ideais daqueles homens. Claros exemplos são os romances que surgem no período imediatamente anterior à composição do *Cantar* – poema de três mil versos –, que contam a vida e milagres do *Cid*, desde sua juventude até sua morte na conhecida última batalha. Assim, os romances falam do *Cid* deste modo:

¡Poderoso vencedor, jamás derrotado,  
baluarte de nuestra tierra,  
escudo de España, su orgullo y su gloria,

caballero del ejército más temido,  
 vengador de moros y traidores,  
 poderoso rayo de guerra,  
 espejo brillante de la caballería,  
 Ruy, mi Cid Campeador!<sup>21</sup>

Os romances também se dedicam à história da Espanha do *Cid*, tratando os episódios acima contados entre o rei Sancho e seus irmãos, ou, por exemplo, relatando o episódio da “jura da Santa Gadea”:

Por tanto, si eres inocente,  
 te pido que jures,  
 tú y doce de estos caballeros,  
 quienes estaban contigo en el exilio,  
 que en la muerte de tu hermano  
 no tomaste parte,  
 que ninguno de vosotros su asesinato  
 conocíais o consentisteis.<sup>22</sup>

Esses romances confirmam a idéia de que o *Cid* se tornou um exemplo para o povo da fronteira. Nesses escritos, que possuem um profundo tom de oralidade, conta-se a evolução da história da Espanha sob o carisma do herói que resulta no *Cid Campeador*. Por fim, o *Cantar* é uma composição literária para o povo de fronteira, pois nele narram-se as inquietudes e sofrimentos que os homens fronteiriços viviam a cada momento. Com o *Cid Campeador*, pode-se ter um referencial paradigmático na luta contra os infiéis e contra todas as penúrias, inclusive a fome, pois “¿Mala cueta es, señores, aver mingua de pan, / fijos e mugieres verlos murir de fanbre!” (vv. 1178-1179).

#### NOTAS

\* Agradeço ao Prof. Dr. Ricardo da Costa as correções gramaticais e os seus sábios conselhos.

<sup>1</sup> COSTA, Ricardo da. *A guerra na Idade Média: um estudo da mentalidade de cruzada na Península Ibérica*. Rio de Janeiro: Edições Paratodos, 1998.

<sup>2</sup> Até a invasão muçulmana de 711, podemos falar da reconquista dos reinos hispânicos a partir da batalha de Covadonga em 722. Ver GONZÁLEZ-JIMÉNEZ, M. Reconquista y repoblación del occidente peninsular. In: JORNADAS LUSO-ESPAÑOLAS DE HISTÓRIA MEDIEVAL, 2., 1987, Porto. *Actas...* Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987. p. 455-489.



<sup>3</sup> Em 1063, o pontífice Alexandre II animaria todas as forças da cristandade para que combatessem na Espanha contra os muçulmanos. O Papa concederia a remoção dos pecados àqueles que aceitassem embarcar em tal empresa.

<sup>4</sup> Neste sentido, ver WATT, W. A. *Historia de la España Islámica*. Madrid, 1970; GUICHARD, P. *Al-Andalus: estructura antropológica de una sociedad islámica en occidente*. Barcelona, 1976; ARIÉ, R. *España musulmana (siglos VIII-XV)*. Barcelona: Labor, 1984. (Historia de España, v. 3).

<sup>5</sup> “[...] después de la caída del reino visigótico, el monje español Beato de Liébana compuso un comentario sobre el Apocalipsis, que gozó de influjo tan grande fuera como dentro de la península.” Del mismo modo, “a partir de fines del siglo IX, hay una serie de crónicas latinas, que comienza con la *Chronica Visigothorum* originaria del reino de Asturias; cortas y compendiosas en un principio, gradualmente llegarán a ser más ambiciosas, tanto desde el punto de vista de sus objetivos como en el tratamiento de los mismos” (DEYERMON. A. D. *Historia de la literatura española*. Barcelona, 1971, p. 145).

<sup>6</sup> Ver DUFOURCO, Ch.; CHAUTIER, E.; DALCHE, J. *Histoire économique et sociale de l'Espagne chrétienne au Moyen Âge*. Paris: Armand Colin, 1976; MARTÍN, J. L. *La península en la Edad Media*. Barcelona: Teide, 1976; VIGIL, M.; BARBERO, A. *La formación del feudalismo en la península Ibérica*. Barcelona, 1978; MOXÓ, S. de. *Repoblación y sociedad en la España cristiana medieval*. Madrid, 1979; BONNASSIE, P. Et al. *Estructuras feudales y feudalismo en el mundo mediterráneo*. Barcelona, 1980; MACKAY, A. *La España de la Edad Media: desde la frontera hasta el Imperio (1000-1500)*. Madrid: Cátedra, 1980; MÍNGUEZ FERNÁNDEZ, J. M. Ruptura social e implantación del feudalismo en el noroeste peninsular (siglos VIII-X). *Studia Histórica*, Salamanca, año III, n. 2, p. 7-32, 1985.

<sup>7</sup> Ver BALDEÓN, J. *El reino de Castilla en la Edad Media*. Bilbao, 1968; CORTÁZAR, J. A. La época medieval, Madrid: Alianza, 1973. (Historia de España); CORTÁZAR, J. A. *Organización social del espacio en la España medieval: la corona de Castilla en los siglos VIII a XV*. Barcelona: Ariel, 1985.

<sup>8</sup> Ver LACARRA, J. M. *Historia del reino de Navarra en la Edad Media*. Pamplona, 1975.

<sup>9</sup> Ver BAGUÉ, E. *La sociedad en Cataluña, Aragón y Navarra en los primeros siglos medievales*. Barcelona, 1957. (Historia de España y América, v. 1); BAGUÉ, E. *Els primers comtes-reis*. Barcelona, 1957; SOLDEVILA, F. *Història de Catalunya*. Barcelona: Editora, v. 1, 1962; ABADAL I VINYALS, R. d'. *Dels visigots als catalans*. Barcelona, 1969; BONNASSIE, P. *Catalunya mil anys enrera (segles X-XII)*. Barcelona: Edicions 62, 1981. 2 v.

<sup>10</sup> Ver ORCÁSTEGUI, C.; SARASA, E. *Sancho III Garcés el Mayor, rey de Navarra*. Iruña, 1991.

<sup>11</sup> Ver GARCÍA VALDEAVELLANO, L. *Orígenes de la burguesía en la España medieval*. Madrid, 1969; GAUTIER DALCHE, J. *Historia urbana de León y Castilla en la Edad Media (siglos IX-XII)*. Madrid, 1979.

<sup>12</sup> Com o nome de ‘parias’, entendemos os tributos que tinham que pagar os muçulmanos aos reinos hispânicos, e *vice-versa*.

<sup>13</sup> MENÉNDEZ PIDAL, R. *La España del Cid*. Madrid, 1925; MENÉNDEZ PIDAL, R. *El imperio hispánico y los cinco reinos*. Madrid, 1950; MARAVALL, J. A. *El concepto de España en la Edad media*. Madrid, 1964.

<sup>14</sup> Para a biografia do Rodrigo Díaz de Vivar, ver CIROT, G. *Biographie du Cid*, par Gil Zamora. *Bulletine Hispanique*, n. 16, p. 80-86, 1914; MENÉNDEZ PIDAL, R. *La España del Cid*. Madrid, 1925; CAMÓN AZNAR, J. El Cid, personaje mozárabe. *Revista de Estudios Políticos*, local, n. 17, p. 109-141, 1947; UBIETO, A. El «Cantar de Mio Cid» y algunos problemas históricos. València: Anubar, 1973; HORRENT, J. Historia y poesía en torno al «Cantar de Mio Cid». Barcelona: Anubar, 1973; e o importante estudo sobre a Espanha do Alfonso VI de REILLY, B. F. *The kingdom of Leon-Castilla under king Alfonso VI, 1065-1109*. Princeton: Princeton University Press, 1988.

<sup>15</sup> Citarei sempre por este edição: MONTANER, A. (Ed.). *Cantar de Mio Cid*. Barcelona: Crítica, 1993.

<sup>16</sup> MENÉNDEZ PIDAL, R. *La España del Cid*. Madrid, 1925.

<sup>17</sup> Com relação às virtudes do cavaleiro na Idade Média, ver COSTA, R. da. *La caballería perfecta y las virtudes del buen caballero en el Libro de la orden de caballería* (ca. 1279-1283), de Ramon Llull. In: FIDORA, A.; HIGUERA, J. G. *Ramon Llull caballero de la fe*. Pamplona: EIUNSA. p. 11-40, que realiza uma excelente apreciação do carisma do cavaleiro e das suas obrigações como servidor do povo, do rei e do Deus. Ademais, ver também o meu trabalho sobre El caballero a lo divino en Ramon Llull: contra el pecado de la lujuria. *Revista Mirabilia*, local, n. 1, 2001). Disponível em: <www.revistamirabilia.com.>

<sup>18</sup> Jean de Grouchy, *De musica*, 1290. Cito por ZUMTHOR, P. *La lettre et la voix: de la literatura medieval*. Madrid: Cátedra, 1989, p. 44.

<sup>19</sup> Sobre a fixação do Cid, ver MONTANER, A. (Ed.). *Cantar de Mio Cid*. Barcelona: Crítica, 1993, p. 5-8, que realiza um resumo do texto e do contexto quanto ao problema da data da composição do Cantar. Contudo, a data que prescreve Alberto Montaner, que situa a fixação do Cantar ao redor do ano de 1200, é muito mais prática para o fim deste estudo, já que, desse modo, nos achamos em momentos em que a situação social é de mudança, isto é, o período que compreende esse anos é um período no qual se está constituindo um novo tipo de sociedade: a dos homens da fronteira, homens livres que se regem por um regalia própria, e por uma série de “fueros” similares aos “fueros de extremadura”.

<sup>20</sup> Assim, “o semelhante dá com o semelhante” (*Timeo*, 45 b-d).

<sup>21</sup> Cito o livro do GUERBER, H. A. *Edad Media: mitos y leyenda*. M. E. Editores, 1995, p. 343.

<sup>22</sup> GUERBER, 1995, p. 356.

## REFERÊNCIAS

- ABADAL I VINYALS, R. d'. *Dels visigots als catalans*. Barcelona, 1969.
- ARIÉ, R. *España musulmana (siglos VIII-XV)*. Barcelona: Labor, 1984. (Historia de España, v. 3).
- BAGUÉ, E. *La sociedad en Cataluña, Aragón y Navarra en los primeros siglos medievales*. Barcelona, 1957a. (Historia de España y América, v. 1).
- \_\_\_\_\_. *Els primers comtes-reis*. Barcelona, 1957b.
- BONNASSIE, P. et al. *Estructuras feudales y feudalismo en el mundo mediterráneo*. Barcelona, 1980.
- BONNASSIE, P. *Catalunya mil anys enrera (segles X-XII)*. Barcelona: Edicions 62, 1981. 2 v.
- CASALDUERO, J. *Estudios de literatura española*. Madrid: Gredos, 1962. (Estudios y ensayos, 60).
- CHALON, L. *L'histoire et l'épopée espagnole du moyen age*. Liege: Univ. de Liege, 1974.
- CORTÁZAR, J. A. *La época medieval*. Madrid: Alianza, 1973. (Historia de España).
- \_\_\_\_\_. *Organización social del espacio en la España medieval: la Corona de Castilla en los siglos VIII a XV*. Barcelona: Ariel, 1985.
- COSTA, R. da. *La caballería perfecta y las virtudes del buen caballero en el Libro de la orden de caballería* (ca. 1279-1283), de Ramon Llull. In: FIDORA, A.; HIGUERA, J. G. *Ramon Llull caballero de la fe*. Pamplona: EIUNSA. (Cuaderno de Anuario Filosófico).
- \_\_\_\_\_. *A guerra na Idade Média: um estudo da mentalidade de cruzada na Península Ibérica*. Rio de Janeiro: Edições Paratodos, 1998.
- DUFOURCO, Ch.; CHAUTIER, E.; DALCHE, J. *Histoire économique et sociale de l'Espagne chrétienne au Moyen Âge*. Paris: Armand Colin, 1976.

- GARCÍA VALDEAVELLANO, L. *Orígenes de la burguesía en la España medieval*. Madrid, 1969.
- GAUTIER DALCHÉ, J. *Historia urbana de León y Castilla en la Edad Media (siglos IX-XII)*. Madrid, 1979.
- GONZÁLEZ-JIMÉNEZ, M. Reconquista y Repoblación del Occidente Peninsular. In: JORNADAS LUSO-ESPAÑOLAS DE HISTÓRIA MEDIEVAL, 2., 1987, Porto. *Actas...* Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987. p. 455-489.
- GUICHARD, P. *Al-Andalus: estructura antropológica de una sociedad islámica en occidente*. Barcelona, 1976.
- HIGUERA, J. G. Honor y dialéctica: sobre la representación caballeresca de ramon Llull en el *Breviculum* de Tomás Le Myésier. In: FIDORA, A.; HIGUERA, J. G. *Ramon Llull caballero de la fe*. Pamplona: EIUNSA (Cuaderno de Anuario Filosófico).
- LACARRA, M. E. *El poema de Mio Cid: realidad histórica e ideológica*. Madrid: Ediciones José Porrúa Turanzas, 1980. (Ensayos).
- LACARRA, J. M. *Historia del reino de Navarra en la Edad Media*. Pamplona, 1975.
- MACKAY, A. *La España de la Edad Media: desde la frontera hasta el Imperio (1000-1500)*. Madrid: Cátedra, 1980.
- MALLORQUÍ, E. La configuración del protagonista en el *Cantar de Mio Cid*. In: *Mirandum*, 12 (2001).
- MARAVALL, J. A. *El concepto de España en la Edad media*. Madrid, 1964.
- MARTÍN, J. L. *La península en la Edad Media*. Barcelona: Teide, 1976.
- MENÉNDEZ PIDAL, Ramón. *La España del Cid*. Madrid, 1925.
- \_\_\_\_\_. *El imperio hispánico y los cinco reinos*. Madrid, 1950.
- \_\_\_\_\_. *El Cid Campeador*. Madrid: Espasa Calpe, 1968.
- \_\_\_\_\_. *En torno al poema del Cid*, Barcelona: Edhasa, 1970.
- MÍNGUEZ FERNÁNDEZ, J. M. Ruptura social e implantación del feudalismo en el noroeste peninsular (siglos VIII-X). *Studia Histórica*, Salamanca, año III, n. 2, p. 7-32, 1985.
- MONTANER, A. (Ed.). *Cantar de Mio Cid*. Barcelona: Crítica, 1993.
- MOXÓ, S. de. *Repoblación y sociedad en la España cristiana medieval*. Madrid: Editora, 1979.
- ORCÁSTEGUI, C.; SARASA, E. *Sancho III Garcés el Mayor, rey de Navarra*. Iruña: Editora, 1991.
- SALINAS, P. *Ensayos de literatura hispánica: del Cantar de Mio Cid a García Lorca*. Madrid: Aguilar, 1958.
- SMITH, C. *La creación del poema de Mio Cid*. Barcelona: Crítica, 1985.
- SOLDEVILA, F. *Història de Catalunya*. Barcelona, v. 1, 1962.
- UBIETO, A. *El "Cantar de Mio Cid" y algunos problemas históricos*. Valencia: Anubar, 1973.
- VALDEÓN, J. *El reino de Castilla en la Edad Media*. Bilbao, 1968.
- VÀRVARO, A. *Literatura románica de la Edad Media: estructura y formas*. Barcelona: Ariel 1983.
- VIGIL, M.; BARBERO, A. *La formación del feudalismo en la península Ibérica*. Barcelona, 1978.
- WATT, W. A. *Historia de la España Islámica*. Madrid, 1970.
- ZUMTHOR, P. *La lettre et la voix: de la "literatura" medieval*. Madrid: Cátedra, 1989.